

Além dos mapas: a cidade como palimpsesto, memórias e vivências em Catalão (GO) a partir do escritor Braz José Coelho

Ismene Fernandes da Silva¹

Resumo: Propomo-nos aqui a compreender a cidade como um palimpsesto de memórias, histórias e vivências de Catalão - GO. Para tanto, a partir das narrativas de Braz José Coelho, problematizamos a relação entre o lugar e a memória nas representações históricas das disputas de poder e de memórias privilegiadas em detrimento de outras. O que se tem aqui é um recorte do projeto de pesquisa desenvolvido no Mestrado Profissional em História, o qual tem como referenciais teóricos autores que trabalham conceitos de memória, cidade, lugares da memória, representação e práticas sociais. Nesse sentido, em consonância com os autores basilares sobre o assunto, compreendemos a cultura como uma teia de significados, segundo Geertz (1978). E da leitura do mundo como um texto a ser descoberto pelos vestígios encobertos, anteriormente, num palimpsesto, conforme o ideal de Pesavento (2004). Diante desse contexto de história, memória, cultura e os demais elementos que os envolve, percebemos o discurso em torno do monumento e, dependendo do grupo social, o discurso do escritor difere de discursos políticos na prática, como é o caso que será exposto neste artigo. Ademais, vemos que determinados monumentos não são preservados e os documentos deles estão com “famílias” e não partilhados publicamente.

Palavras-chave: Memória. Cidade. Palimpsesto de memórias.

1 Universidade Federal de Goiás – UFG. Regional Catalão, Mestranda no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em História, Departamento de História e Ciências Sociais, professora na Rede Estadual de Educação do estado de Goiás.

1 Introdução

Para compreender a cidade a partir do palimpsesto de memórias, histórias e vivências de Catalão-Goiás a partir do escritor regionalista Braz José Coelho (2015), partimos da ideia de cultura como uma teia de significados, como propõe Geertz (1978), e a leitura do mundo como um texto a ser descoberto pelos vestígios encobertos, anteriormente, a partir da ideia do palimpsesto, conforme diz Pesavento (2004). Nesse sentido, utilizaremos, além dessas bases teóricas, autores variados que trabalham a memória, representação, apropriação, os lugares da memória e fundamentos de teoria da História, e ainda autores que trabalham a temática da cidade, especialmente como o *flâneur* e palimpsesto de memórias a serem raspadas, descobertas.

Partimos, inicialmente, das considerações do trabalho de Certeau (2002), que remetem à função do historiador e suas inquietações, em que ele se questiona sobre o que é a *História*, seu trabalho enquanto historiador, sobre o que ele faz, sua função e para quem é feito seu trabalho. A partir dessas considerações e das inquietações enquanto historiadores sobre a nossa cidade, sentimos-nos motivados a pesquisar o tema proposto.

Assim como ele, também nos interrogamos, diariamente, e acreditamos que partimos sempre de inquietações, problemas ou questionamentos dos discursos do lugar onde estamos e dali, para questões mais globais, pois, cultural e socialmente mantemos relações extremamente estreitas com o meio em que vivemos. Baseado nas ideias de Certeau (2002), Chartier (1990) afirma sobre a noção de lugar da “instituição histórica”, e a existência de um “lugar social”, onde os historiadores exercem sua atividade de pesquisa e formação educadora. Nesse sentido, a partir das contribuições dos autores mencionados, percebemos que o lugar que o historiador vive e exerce suas atividades teóricas e práticas é o seu lugar social. Segundo eles, ao produzir o discurso na história, o historiador toma o papel de sensor do que vai ser narrado e escrito, pois, ao produzir objetos de pesquisa, operações (recortes e processamento de fontes, mobilização de técnicas de análise específicas, construção de hipótese, procedimentos de verificação), ele seleciona o que vai ser feito a partir do objeto determinado e o que vai ser feito com ele.

Não nos agrada a ideia de sermos sensores, mas críticos e questionadores do que é estabelecido. Selecionamos, fazemos recortes, processamos as fontes, entre outras operações referentes às metodologias, todavia, dentro desse contexto, não podemos omitir os fatos históricos, pelo contrário, devemos fazer uma seleção prévia do que vamos abordar. As fontes, contudo, podem apontar para dados que não pensávamos trabalhar.

Quanto às noções de “lugar da instituição histórica e lugar social” da prática dos historiadores, isto é, onde eles exercem suas atividades de pesquisa e formação

educadora, a escola é um lugar privilegiado para essas atividades, embora não a única. Acreditamos também que o trabalho do historiador, inserido num lugar social, numa comunidade de características particulares que se deseja e se vê como progressista, mas encontra-se calcada em tradições, se faz extremamente necessário.

Na discussão sobre os lugares de memória, Nora (1993) procura fazer uma distinção entre memória e história. Para ele, a memória é vida e faz parte do fenômeno atual; instalada pela lembrança do passado, emerge do grupo que ela une e, por isso, é sempre viva, mas presa a determinados espaços sociais, culturais e temporais; história é o que não existe mais, é a representação do passado, que demanda análise e discurso crítico, ela é, nesse sentido, libertadora.

Para exemplificar o que foi mencionado até aqui, podemos destacar um dos episódios narrados por Coelho (2015, p. 79-81) sobre a *Matança dos Porcos*. A narrativa é representada e apropriada pelos diferentes grupos sociais, é uma memória que emerge e une um determinado grupo social, estabelecendo uma identidade. Ademais, além de memória, é também lembrança emergente do passado, que, da mesma forma, une um grupo social numa ação coletiva que teve impacto em suas vidas num espaço social, cultural e temporal específico. É um fato que não é pensado pelos memorialistas como uma representação social, que pode ser analisada de maneira crítica e libertadora das sombras que esse passado carrega, mas essa função cabe a nós, historiadores. Devemos aos memorialistas a questão de apontarem esse e outros episódios marcados no imaginário das pessoas em determinados períodos de tempo, entretanto, a análise crítica do contexto, suas representações e apropriações cabem ao historiador.

Percebemos assim que, na obra de Coelho (2015), o fato narrado foi um episódio que ficou marcado no imaginário social da cidade. Apesar da imprecisão da data e do contexto da crise econômica da maioria da população – especialmente dos moradores próximos às *mangueiras* – o fato foi muito bem retratado. O local mencionado pelo autor é apenas um dos lugares de memória dos habitantes da cidade, trata-se de um monumento vivo, que marcou a vida de muitos, de acordo com o escritor.

As imagens de monumentos, como ruas, praças, estabelecimentos comerciais, assim como os lugares onde estão edificadas, fazem parte do imaginário que os habitantes têm da cidade. Freire (1997, p. 90) lembra que podemos observar “como o termo *monumento* tem ganhado múltiplos significados e pode, na linguagem cotidiana, designar uma referência importante, algo que se destaca ou sintetiza alguma coisa” e, assim, reforça a importância que os monumentos podem ter no imaginário social.

Importante perceber que o discurso em torno do monumento, dependendo do grupo social ao qual pertence, é diferenciado. No caso, o discurso de Coelho (2015) difere, normalmente, da prática dos discursos políticos, quando vemos

que determinados monumentos, tidos como patrimônios oficiais da cidade, não são preservados ou os documentos referentes a eles estão nas mãos de “famílias” e não são partilhados publicamente. Isso é percebido, ao vermos que o discurso não é o mesmo das práticas, por isso propomos o trabalho de reflexão e questionamentos, além de pensar possibilidades possíveis para construir outros tipos de história, outros caminhos para sua produção.

Nesse sentido, existem várias possibilidades de trabalho, como as imagens sobre os espaços de memória, os escritores, os memorialistas, os monumentos tomados como patrimônios materiais ou imateriais. Artefatos sacralizados, depositados ou não no museu da cidade, tudo isso pode ser um ponto inicial para o trabalho com a memória coletiva de uma determinada sociedade. Diante disso, optamos trabalhar com as narrativas de Coelho (2015), portanto, nesta proposta, importa-nos o contexto histórico do passado e as relações que podemos fazer com o presente. Esse recorte é feito pelo escritor ao apontar possibilidades que vão além das histórias contadas por memorialistas.

Assim, refletimos, repensamos com as experiências passadas para compreender, entre outras coisas, como as classes populares se apropriaram e como representam alguns lugares de memórias em Catalão. E se existe uma memória, ela é vista como um patrimônio cultural e imaterial na cidade? Se ela existe, enquanto patrimônio, como ela é apropriada e representada pelos que estão no poder político e econômico de Catalão? Quais são as possibilidades possíveis para outros tipos de história, construindo outras, tendo como base esse conhecimento?

Sobre a noção de patrimônio, baseamo-nos na concepção de Jesús Marco Ataídes em *Cuidando do Patrimônio Cultural* (1997) ao dizer que:

O Patrimônio Cultural é constituído de bens culturais, que são a produção dos homens nos seus aspectos emocional, intelectual, material e todas as coisas que existem na natureza. Tudo que permite ao homem conhecer a si mesmo e ao mundo que o rodeia pode ser chamado de bem cultural (ATAÍDES, 1997, p. 11).

Nessa concepção, o Patrimônio Cultural são as formas de vida dos grupos sociais, compreendendo também todas as suas práticas culturais passíveis de serem registradas.

2 Desenvolvimento

A partir das leituras e discussões iniciadas no programa de mestrado, percebemos a necessidade de alterar o foco e a temática do que foi proposto, inicialmente, no embrião desta pesquisa. Embora lidando com as memórias presentes

nos textos do Braz José Coelho, pensamos um trabalho além dos mapas e que pudéssemos trazer à tona as memórias ocultas ou sobrepostas no palimpsesto de nossa história catalana. Observando a cidade do alto, nem sempre é possível perceber suas tensões e conflitos, mas sabemos que elas estão presentes. Jogos de poder, disputas de memórias e seus espaços, disputas em relação ao que deve ou não ser considerado como monumento e patrimônio material ou imaterial. Nem tudo é visível, mas também, nem tudo está totalmente encoberto.

Percebemos que a história não possui apenas uma versão, uma percepção, um modo de vivenciar e contar os fatos, é preciso conhecer quem conta e como conta a história e, ainda, se não existem outras histórias além das que estão escritas, mas que estão registradas somente na memória pessoal de alguns, impregnadas no coletivo ou sobrepostas por outras. Dentro dessa proposta, a memória e a história estarão interligadas, sem que uma se sobreponha a outra, a memória como suporte para o trabalho investigativo do historiador, e a história evocando o documento da testemunha, no caso em cena, do escritor Braz José Coelho.

Assim, o autor busca uma realidade objetiva de um presente com situações de incômodo, indo ao passado para resolver questões do presente, como sugere Halbwachs (2003), entre outros autores que trabalham a relação entre história e memória. Também, pode ser vista como base, para a narrativa de Coelho (2015), as ideias de Pesavento (2004, p. 26), que define as pesquisas históricas da leitura do mundo como um texto a ser descoberto pelos vestígios encobertos, anteriormente, a partir da ideia do palimpsesto. No mesmo caminho, temos Geertz (1978 p. 15), que entende a cultura como um conceito dentro da semiótica, das teias de significados tecidos pelo próprio homem, “acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu [...]”.

Tomando como base a análise da nossa história, podemos relacioná-la com o geral, o que chamamos história global, e a abordagem, em específico, como parte da análise da micro história, para, a partir dela ter uma compreensão da macro história. Para tanto, vamos buscar pistas indiciais em torno do objeto de pesquisa, apostando na multidisciplinaridade, de acordo com Braudel (1978), tendo em vista que ele diz que a história faz uma incursão em outras ciências sociais como a antropologia, sociologia, filosofia, psicologia, entre outras. Iremos, então, fazer um diálogo com nossas experiências urbanas pessoais e de imagens a partir das experiências de histórias de vida e análises dos textos escritos por Coelho (2015) sobre a cidade de Catalão.

Vale dizer que as imagens dos lugares e seus monumentos são construções históricas que revelam o imaginário cultural com suas teias de significados tecidos pela sociedade, e estes precisam ser descritos de forma densa, investigados pelos índices, pelos rastros deixados ou apagados, pelas evidências em seus palimpsestos.

tos de memórias, sobrepostas, para que possamos compreender o que seria esse nosso fenômeno urbano.

Acreditamos que o trabalho de observação do que está ao nosso redor, especialmente o lugar onde vivemos, é uma referência para analisarmos o que somos a partir da história que construímos ou não para nós e os outros.

3 Metodologia/procedimentos utilizados

Para trabalharmos o tema proposto, utilizaremos bibliografias específicas que discutem a memória, a história e a cidade, além dos textos de Braz José Coelho, juntamente com algumas imagens e documentos da cidade entre 1959 e 2016, entre outros registros.

Partimos do pressuposto de Clifford Geertz (1978), ao falar da teia de relações simbólicas que tem significado para o grupo ou comunidade, e da proposta de Fernand Braudel (1978), que julga ser a história do “lugar” mais abrangente em termos referenciais. Esses autores sugerem-nos que a história parte das especificidades de determinado espaço no tempo que, apesar das suas teias de relações simbólicas, não estão isoladas no mundo, mas, pelo contrário, servem de base para um estudo maior, em outros processos e relações.

Geertz (1978) afirma que quando se trata de um estudo mais específico, não devemos tomar apenas um conceito como sendo o melhor, mas tomar um ou mais, de acordo com a necessidade, isso porque fazer uma “descrição densa” exige que procuremos procedimentos metodológicos não convencionais, como a busca por indícios que nem sempre são visíveis. Nesse processo de reflexão, embora o historiador dialogue com outras ciências sociais, o seu papel é essencial no sentido de ter que problematizar para compreender o objeto de pesquisa, é como um detetive que procura evidências, sinais nem sempre visíveis, para analisar o objeto de estudo. No caso em cena, o palimpsesto de memórias a serem raspadas para descobrirmos as memórias ocultas ou apagadas.

Sobre a ideia do detetive à procura de evidências e indícios sinalizantes, os historiadores remeteram aos pressupostos do italiano Carlo Ginzburg (1989/2007) que, embora não sendo historiador, contribuiu muito nessa área, tendo em vista que foi influenciado por Marc Bloch, da historiografia francesa dos *Annales*, entre outros historiadores na chamada Nova História Cultural. Assim, nossa abordagem parte de estudos da área da História Cultural, sobre a qual Sandra Jatahy Pesavento (2004, p. 118) afirma que: “Uma das características da História Cultural foi trazer à tona o indivíduo, como sujeito da História, recompondo histórias de vida, particularmente daqueles egressos das camadas populares”.

Concordamos com Pesavento (2004) nesse sentido e almejamos, também, construir uma história nesse molde, uma história em que apareçam os sujeitos das

camadas populares, dando voz aos que foram silenciados e excluídos do poder na sociedade. E a forma que encontramos para isso foi fazer essa análise a partir das narrativas de Coelho (2015).

Muito das temáticas de Coelho (2015) tem a ver com as memórias da cidade de Catalão, no livro *Sombras do Tempo*, estão presentes em crônicas da cidade, numa multiplicidade de histórias. Nessas histórias percebemos a abordagem do rural ligado ao urbano, as sociabilidades, os lazeres, os lugares de fronteiras da cidade que vão além do mapa físico, os lugares de memórias para recriar o imaginário da cidade com suas representações, as experiências de memórias, as noções de identidade/pertencimento, as mudanças, as transformações, o esquecimento.

Para Roger Chartier (1990, p. 17), existem lutas de representações entre os grupos sociais e estes inserem-se “em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” Nesse sentido, o autor diz, em outras palavras, que são produzidas aqui verdadeiras “lutas de representações” dos sujeitos no campo cultural e social. Analisamos que essas lutas geram inúmeras “apropriações” possíveis das representações, de acordo com os interesses sociais, com as imposições e as resistências políticas, com as motivações e as necessidades que se confrontam no mundo humano. Nessas lutas de representações, as camadas populares “apropriam-se” de espaços por meio da memória.

Sendo assim, analisaremos esses lugares a partir dos estudos de Chartier (1990) sobre representação e apropriação da memória e os lugares dessa memória; e de Pierre Nora (1993), que se propõe a refletir sobre a noção de lugares de memória, o que visualizamos a partir das narrativas de Coelho (2015). Baseados nos textos desse escritor, além dos referenciais teóricos já mencionados, acreditamos que os escritores, nos seus textos revelam muito da sua época e do lugar em que vivem, dos lugares da memória e sua apropriação pelas camadas populares, mesmo que esses lugares sejam transformados ou apagados da memória pelos que estão no poder.

Quanto a essa ideia, remetemo-nos a Walter Benjamin (1994, p. 201) ao explicitar sobre a figura do narrador, em que afirma: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a narrada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. Nesse sentido, Benjamin (1994) faz uma importante reflexão sobre o desaparecimento do narrador na história das sociedades industriais e fala sobre a importância da narrativa, trazendo ricas observações sobre a sabedoria, informação e experiência.

Quanto ao que vai ser narrado pelo historiador, Le Goff (1992) estabelece que o que sobrevive do passado não tem a ver com o que é fruto do acaso, mas de escolhas. E estas, de acordo com a forma que os homens definiram seu processo de desenvolvimento; e o documento, de acordo com a escolha do historia-

dor, quanto ao seu objeto de pesquisa, daquilo que quer *fazer recordar, iluminar, instruir*, através da memória de um passado. De acordo com Le Goff (1992), o passado está sempre presente, mas, retomando a ideia de Pesavento (2004), do palimpsesto de memórias, ele pode estar oculto, silenciado, invisível ao olhar, encoberto, e é preciso raspar as memórias para descobrir a história que foi escrita anteriormente.

As memórias, por seu lado podem se constituir numa herança imaterial, de uma cultura peculiar que não pode ser tocada, mas é visível no comportamento sensível dos sujeitos sociais como aborda Geovanni Levi (2000)² no livro *A Herança Imaterial*. Tendo acesso a documentos de cartórios, mosteiros, e outros, Levi (2000) teve que perceber indícios e analisar determinados comportamentos da região na época para compreender seu objeto, percebendo a herança imaterial como base de determinados comportamentos.

A ideia de Le Goff (1992) do *monumento* como uma herança do passado e o *documento* como escolha do historiador, coloca sobre o ombro do historiador uma responsabilidade extremamente pesada. A carga seria a de que nós, historiadores, decidimos que heranças do passado irão tornar um documento, no sentido de “ensino”, para o presente ou a posteridade e como “prova” de uma determinada memória.

Segundo o mesmo autor, “Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos” (LE GOFF, 1992, p. 535). E a história tem a função de registrar as memórias, para que elas não se percam, assim como a identidade do grupo que se estabelece a partir das memórias que são individuais e perpassam o coletivo, ainda que seja no sentido de reforça-las, como afirma Maurice Halbwachs (1990 / 2003) ao dizer que a memória é coletiva. Mesmo que seja produzida pelo indivíduo, em determinado acontecimento, o fato produzido por ele pode ser lembrado e, dessa forma, passa a ser memorável, de acordo com o coletivo, e tem significados.

Em Coelho (2015) as lembranças aparecem nas narrativas e contribuem para a compreensão do estudo de lugares e pessoas que, apesar de serem consideradas comuns, são as que, realmente, fazem a história acontecer. Essas pessoas, por sua vez, estão inseridas num campo simbólico de imaginário social.

Para Bronislaw Baczo (1985), o imaginário social é um aspecto da vida social, em que seus agentes sociais se manifestam, coletivamente, na construção de um sistema simbólico comum ao grupo e tem por objetivo identificar certa representação do próprio ser e do coletivo. O imaginário a ser criado e estabele-

2 Levi (2000) aborda uma realidade peculiar de uma aldeia italiana, em que seus protagonistas apresentam comportamentos considerados atípicos em relação a outras comunidades estudadas.

cido por um grupo e seguido pelos demais é reforçado nos rituais simbólicos, na teatralização social dos valores.

Nesse sentido, percebemos que a discussão sobre o lugar está além dos mapas que visualizamos, além das sensações provocadas em determinados lugares que estão na memória e é retratada por poetas e memorialistas. Então, será que os grupos sociais sentem de maneira diferenciada, dependendo da relação que mantem com o lugar?

Vista do alto, por exemplo, a cidade pode ser vista como um museu a céu aberto, não no sentido de que ver o museu como algo estagnado, mas ir além das imagens que os edifícios, monumentos e ruas podem nos mostrar, os extras territórios da cidade não visível. Situados no alto de um dos morros que circundam a cidade, confrontando com a imagem dos mapas, podemos observar seus pontos de acesso e estabelecer mais questões a serem pensadas e investigadas: De quais grupos sociais a cidade é formada? Como foi essa formação e quais desses grupos fizeram parte dessa formação, efetivamente? Quais os lugares de encontro desses grupos sociais? Como isso acontecia e que tipos de grupos eram? Os limites espaciais convergem com os limites políticos/sociais/econômicos e culturais, e estes, se ligam ou se contrapõem?

Muito há de pensar, portanto, além das imagens e mapas, dos lugares de memórias que se tornam representação e práticas sociais de determinados grupos nas narrativas do memorialista Braz José Coelho, da relação entre o lugar e a memória nas representações históricas, das disputas de poder, das memórias privilegiadas em detrimento de outras. E, principalmente, de como vestígios foram encobertos, anteriormente, a partir de palimpsestos de memórias não percebidas, não contadas e não registradas.

Pesavento (2004) também reflete sobre a memória e o patrimônio urbano, analisando a cidade como um cronotopo, ou seja, como uma unidade de espaço e tempo que se dá a ler e ver. Nessa unidade de espaço e tempo existem relações sociais específicas dos variados grupos que compõem a sociedade catalana, que constroem uma intrincada teia de significados, de acordo com Geertz (1978), que precisa ser desvendada e compreendida, por isso a percebemos como um palimpsesto de memórias a serem desvendadas.

4 Discussão e resultados

Michel de Certeau (2002), ao falar sobre a função do historiador e suas práticas sociais, entende que o “lugar social” do historiador e suas práticas científicas é o lugar em que ele vive, sente, percebe e conhece. Assim, o historiador, apesar da ligação que mantém com o objeto, procura manter o olhar distante, crítico, analista e questionador em relação a ele.

Nesse sentido, propomos analisar lugares de Catalão, onde vivemos e convivemos diariamente, os lugares de memórias, ou monumentos que podem ser tomados como patrimônios, a partir de Coelho (2015) que interpreta o lugar com base nas suas memórias, no que lhe interessa e necessita preservar.

No começo do livro o autor deixa clara a necessidade de escrever, mas essa escrita, embora disfarçada de despreziosa, não é uma mera distração, é no sentido de organizar o pensamento e compreender suas memórias, como parte de uma história, a história da cidade de Catalão - GO da qual o autor faz parte.

Percebemos a cidade de Catalão revelada como um mundo a parte por Coelho (2015), em forma de crônicas, pensada a partir de alguns lugares de memórias e reveladas histórias encobertas nas camadas de memórias sobrepostas sobre essa cidade. O desenvolvimento desse núcleo urbano na ideia de “progresso” não apaga alguns lugares tomados como monumentos para esse autor.

Dentre os lugares tomados como monumentos, refletindo no dia do 150º aniversário de Catalão, em 20/08/2009, no segundo texto do livro, Coelho (2015) pensa a organização espacial da cidade. Tal organização não no sentido físico do espaço geográfico, mas no sentido emocional/sentimental que vai além desse mapa físico da cidade. Ele pensa no primeiro bairro da cidade, no significado/sentido das denominações dos mesmos.

Assim relata Coelho (2015, p. 9):

Naquele tempo a palavra *rua* possuía duplo sentido – *rua* enquanto espaço por onde transitavam pessoas, animais, cavaleiros, carroças, bicicletas, depois automóveis, jardineiras, caminhões; e *rua* na significação de bairro ou setor, palavras que praticamente não se usavam a não ser talvez na repartição dos Correios e Telégrafos. Por isso Rua da Grota, Rua do Pio, Rua do Marca Tempo, Rua do São João, Rua da Capoeira não eram constituídas por uma única rua mas o que hoje denominamos bairro.

Toda narrativa sobre bairros e as relações significativas que as pessoas mantêm com esses lugares são repletos de simbologias que vão desde símbolos (religiosos, morais, emocionais/sentimentais...) que marcam a vida social das pessoas ou das pessoas que ali moravam e por serem importantes para a comunidade as *ruas* (que nomeavam os bairros independente da nomeação política) tinham nomes típicos.

Nessa fala de Coelho (2015), está presente a ideia e a importância dos signos e baseados em Clifford Geertz (1978) percebemos a existência de uma “teia de significados culturais” dessa comunidade a ser decifrada, compreendida em suas simbologias, nos signos estabelecidos das teias tecidas e amarradas por e para essa comunidade.

Segundo Coelho (2015, p. 10) Catalão teve início com a *Rua da Grota*:

As pessoas mais velhas nos diziam que Catalão começara ali, na Rua da Grota, que ali era a parte mais antiga da cidade. Era a saída pra Goiandira e logo após a segunda grota ficava a Cruz do Antero, local onde ele morrera martirizado. Quando em época de seca forte, muitos das de solão espichado, as mulheres e as crianças rezavam ao pé da Cruz do Antero e lhe jogavam latas e baldes de água. Se a seca durasse mais tempo, subiam, em penitência, rezando e cantando músicas de louvores, o Morro das Três Cruzes e lá repetiam a operação de molhar os madeiros sagrados.

Durante o relato da *Rua da Grota* o autor pensa a presença das simbologias estabelecidas no imaginário da comunidade catalana. Os indícios, sinais dessas simbologias no imaginário estão muito presentes, basta observar que em torno de um homem brutalmente assassinado construíram a imagem do mártir/santo que no imaginário social poderia fazer o milagre de trazer a chuva.

Outra construção do imaginário, citado por Coelho (2015), é o caso do Morro das Três Cruzes, transformado na imagem simbólica do Monte Calvário, onde Jesus foi Crucificado e que diante de penitências, rezas e operação de molhar os madeiros sagrados a chuva cairia sobre a cidade.

Esse imaginário social em torno das sensibilidades de um ritmo mais regular e lento que lembra o sistema rural foi combatido a partir do estabelecimento do projeto modernizador no Centenário de Catalão.

Baseados nas leituras de Bronislaw Baczo (1985) percebemos que o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva, nesse imaginário a vida coletiva elabora sua identidade e a representação de si com suas crenças e códigos de conduta social.

O autor estabelece uma relação entre passado e presente revelando sua noção de como era a cidade e as mudanças pelas quais ela passou e como ela percebe a cidade hoje em suas transformações. Isso está presente na maioria dos seus textos, e esses mencionados são apenas uma amostra das narrativas em forma de crônicas que revelam lugares de memórias e o imaginário da comunidade catalana.

Sobre Braz José Coelho, nossa base documental, numa entrevista concedida a Wolney Honorio Filho (2011) em 2009.³ Wolney afirma:

3 Essa entrevista foi realizada em 2009 e publicada em 2011 na SBHE, Comunicação Coordenada: Histórias de vida e narrativas autobiográficas, pesquisas e memória em educação, Eixo temático 8 - Fontes e Métodos em História da Educação.

O professor Braz fala pausadamente. Fala fundamentalmente usando palavras e mãos. Fala com as mãos, escrevendo. No final da entrevista, ao pegar a folha de rascunho, percebi ali um mapa da memória trançada. Ao falar escrevendo, ou melhor, desenhando, para seguir um palpite que ele mesmo deu, quando disse ter tido na infância facilidade com desenhos, caricaturas, Braz estabelece um canal de comunicação entre ele e seu passado. Isto é tão vivo na sua maneira de falar, de lembrar, que é possível dizer que sem esta prática de desenhar a memória, seria impossível lembrar. Ou seja, a lembrança estaria presa, subjugada a um detonador: o desenho, o rascunho, a escrita.

Para Honório Filho (2011, p. 6), que se baseia nas ideias de Josso (2006), o desenho/imagem estabelece um canal de comunicação entre o narrador e seu passado, onde ele é objeto e sujeito de sua própria narrativa histórica:

Desgarrado de si, o sujeito se modifica ao tramar a sua própria história. E tramar a sua própria história é dar sentido à própria vida. É inventar-se contraditório e transitoriamente as interações sociais, biológicas, psíquicas que o indivíduo experimenta.

As interações do sujeito que ao mesmo tempo é objeto de sua narrativa ao narrar a história não só consegue dar sentido a sua vida mas também estabelece uma comunicação e interação com o passado do qual vivenciou. Nesse processo ele constrói um mapa afetivo ao relacionar o passado com o presente a partir dos lugares de memória.

Nesse sentido, construindo um novo mapa afetivo dos lugares que tem significado, o mapa afetivo vai muito além do mapa urbano visualizado por alguém que olha a cidade pela primeira vez, ou que a vê cotidianamente e não se atenta para além das imagens e seus significados.

Tomando como referência o que nos revela Coelho (2015) das imagens visualizadas do mapa urbano podemos questionar a ocultação de determinados lugares que despertam sentimentos, que denominamos de lugares de memórias e baseados nos estudos de Pierre Nora (1993) normalmente tendo um monumento como referência de algo que já não é mais.

Nesse momento, optamos trabalhar com as narrativas de Coelho (2015) e, diante disso, o que nos importa é o contexto histórico do passado e as relações que podemos fazer com o presente, uma vez que, assim, podemos fazer emergir algo do palimpsesto de memórias. Para tanto, o escritor aponta muitas possibilidades que vão além das histórias contadas por memorialistas.

5 Considerações finais

A imagem visualizada do monumento transformado faz parte de uma memória, no sentido de herança, algo herdado, e está vinculada à memória estabelecida no lugar, a partir do significado que desperta em quem a visualiza. A imagem pode ser alterada, mas, a sensação que provocou permanece nos sentidos através da memória que se tem do monumento que era e de quem o visualiza. O que não percebemos dessas memórias vai muito além dos mapas.

Assim, compreendemos que, no processo de pesquisa, o documento não serve apenas para dar credibilidade à historiografia coletada, mas também como *desafio da interpretação das lacunas que o documento apresenta*, das ausências dos documentos para investigar determinado fato. Sendo assim, é preciso que partamos para a imaginação, para que as faltas sejam supridas. Diante disso, procuramos perceber o que nos apresenta o imaginário social de Catalão e os vestígios apontados nas narrativas de Coelho (2015) das memórias da cidade para compreendermos o palimpsesto de memórias sobrepostas.

Referências

ATAÍDES, Jésuz Marco; **Cuidando do Patrimônio Cultural**; Goiânia; UCG; 1997.

BACZO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmundo et al. **Antropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BENJAMIN, Walter. O narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. RJ: Editora Brasiliense, 1994.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BRESCIANNI, Maria Stella M. História e Historiografia das cidades: um percurso. In: **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. Marcos Cezar de Freitas (Org.). São Paulo: Contexto, 2003.

CERTEAU, Michael. Operações Historiográficas. In: **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações, memória e sociedade**. Lisboa: Difel, 1990.

- _____. Construindo Pontes: a prática etnográfica no campo da educação. In: DAYRELL, J. (org). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- COELHO, Braz José. **Sombras do Tempo**. Catalão: Kaio Gráfica editora, 2015.
- FERRARA, Lucrécia D' Alessio. Cidade: imagem e imaginário. In: SOUZA, Celia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.
- FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os movimentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: SESC- Annablume, 1997.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora, 1990.
- HONÓRIO FILHO, Wolney. In: **SBHE, Comunicação Coordenada: histórias de vida e narrativas autobiográficas, pesquisas e memória em educação**, Eixo temático 8 – Fontes e Métodos em História da Educação, 2011.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- LEVI, Geovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos do passado: a cidade como palimpsesto. In: **Revista Esboços**. n. 11. UFSC, 2004.